

TRUMP E A DIREITA RELIGIOSA: EUA, BRASIL, PERU E GUATEMALA

Ronaldo de Almeida
Universidade Estadual de Campinas

Paul Freston
Wilfrid Laurier University

Esse dossiê surgiu da preocupação com a conjuntura política e religiosa contemporânea marcada pelo recrudescimento internacional da direita e da extrema-direita em várias democracias ocidentais. Em recentes eleições europeias vêm se destacando políticos e partidos à direita, como na Itália, Holanda, Hungria, Polônia e Turquia. Mesmo não tendo sido eleita em alguns países, a extrema-direita obteve um bom desempenho nas urnas, como na França, onde o Partido Socialista praticamente colapsou. No Reino Unido, a saída da União Europeia (o Brexit) foi, entre outras questões, um fechamento protecionista contra a chegada indesejada de imigrantes europeus e não-europeus. Nos Estados Unidos, Donald Trump foi eleito com seu discurso antiglobalista e neoconservador de feições fascistas e autoritárias. Em suma, diversas análises concordam quanto ao endurecimento dos regimes políticos escolhidos via procedimentos democráticos.

Na América Latina, por sua vez, ocorreu a derrocada de governos de centro-esquerda e esquerda que, durante os anos 2000, procuraram construir uma posição menos alinhada à política externa dos Estados Unidos. Os governos à esquerda que dominaram a cena política latino-americana, no entanto, começaram a declinar nos anos 2010 devido às acusações de corrupção e também como consequência de pequenas rupturas com o *status quo* social, econômico e cultural, devido às políticas redistributivas, inclusivas e de diversidade colocadas em prática por esses governos. As políticas de proteção social tenderam a empoderar os mais pobres, produzindo pressão e revolta das classes médias e alta, o que gerou reações regressivas e de afirmação das distinções sociais.

Frente a esses deslocamentos que atingiram pilares da democracia liberal, sobretudo em suas dimensões progressista e multicultural, a proposta do dossiê circunscreveu um universo mais delimitado: as conexões entre o governo de Donald Trump, do Partido Republicano nos Estados Unidos, entre 2017 a 2021, e os segmentos político-religiosos de países latino-americanos. A proposta não pressupôs o governo Trump como causa motriz da atual configuração política iliberal das democracias contemporâneas. Na verdade, ele deve ser pensado como um momento e um dos epicentros da emergência da direita e da extrema-direita política na cena internacional, que está em forte sintonia com os processos político-religiosos na América Latina, por meio, principalmente, do segmento cristão evangélico, mas não restrito a ele. Além dos cristãos evangélicos, setores conservadores católicos, sionistas (cristãos e judeus), espíritas e de outros segmentos religiosos também têm tido papel fundamental na potencialização da direita religiosa no continente.

Na chamada para o dossiê não havia, evidentemente, como prever o resultado das eleições presidenciais nos Estados Unidos em outubro de 2020, muito menos a “Invasão do Capitólio”, em 06 janeiro de 2021, quando o Congresso estadunidense ratificou a vitória presidencial de Joe Biden, do Partido Democrata. Apesar da indefinição eleitoral, a percepção daquele último ano de mandato de Trump, quando o dossiê foi proposto, era de que o seu governo já havia se configurado como uma espécie de portal através do qual despontaram atores, pautas, símbolos, discursos, ações governamentais e redes internacionais da direita religiosa.

Apesar dos discursos antiglobalistas das extremas-direitas, diferentes situações nacionais estão em sintonia transnacional por ressonâncias nas pautas e na produção dos inimigos (comunistas, progressistas, estatistas etc.). Entre alguns exemplos, destacam-se as questões relativas aos costumes que visam à contenção de comportamentos mais liberais (sexualidade e gênero) e à restrição dos vínculos familiares (como a não aceitação do casamento igualitário e da adoção de crianças por casais homoafetivos); o negacionismo da ciência a partir de argumentos da fé; a sustentação de políticas econômicas contrapostas a políticas estatais de caráter redistributivo; as políticas securitárias que contribuem para o autoritarismo de governos eleitos pelo voto popular; além do crescimento do populismo de direita.

Os países analisados no dossiê foram: Brasil, Peru, Guatemala e o próprio Estados Unidos. Não há, no entanto, um artigo específico sobre este último país, embora seja o ponto de convergência de todas as análises: pelo recorte dado pelo dossiê; pela centralidade política e econômica regional dos Estados Unidos; e, ainda, pelos seus vínculos históricos com os cristãos evangélicos latino-americanos, que são, sem dúvida, os principais atores religiosos do processo político e cultural em curso no continente.

Depois dos Estados Unidos, quem mais predomina no dossiê é o Brasil, em parte por sua importância na América Latina, mas sobretudo por ser um dos casos emblemáticos da virada à extrema-direita no cenário internacional. O governo de Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018, é também um importante epicentro da reemergência da direita política e religiosa em democracias do Ocidente. E com a derrota eleitoral de Trump, em 2020, Bolsonaro tornou-se a principal referência do extremismo à direita no continente, embora sem o poder de influência do norte-americano.

Três artigos são dedicados ao Brasil e a Bolsonaro. O primeiro de Maria das Dores Campos Machado, Cecília Loreto Mariz e Brenda Carranza, com o foco no sionismo cristão, predominantemente evangélico. O segundo, de Magali Cunha, reflete sobre o fundamentalismo evangélico e suas variações atuais. E o último, de Marcelo Camurça, Asher Brum e Emerson Sena da Silveira, analisa as articulações de vertentes do catolicismo na atual direita religiosa, ainda pouco exploradas.

Dois outros artigos completam o dossiê: um sobre o Peru, de Paulo Barrera, e outro sobre a Guatemala, de Andrea Althoff. Em relação ao Peru, o foco está no processo eleitoral, em 2021, no qual o candidato Rafael López articulou o mesmo repertório discursivo da extrema-direita, a ponto de ter sido identificado internamente como o “Bolsonaro peruano” (assim como Bolsonaro foi identificado como o “Trump dos Trópicos”). Por fim, em relação à Guatemala, o evangélico Jimmy Morales, eleito em 2015, estabeleceu afinidades e conexões com o governo Trump pelo menos em duas frentes: em medidas que proíbem o financiamento de grupos apoiadores do aborto legal e o reconhecimento (ao menos implícito) de Jerusalém Oriental como território israelense.

Produzido, assim, no calor da hora, os artigos aqui publicados configuram um quadro variado devido aos condicionantes específicos de cada

país. Entretanto, de forma situada, com o foco no presente e sem perder a perspectiva longitudinal dos processos políticos e culturais, o conjunto permite identificar várias transversalidades.

Os artigos de Machado, Mariz e Carranza e de Cunha percorrem intrincados caminhos que formam o “cipoal” institucional, histórico e teológico evangélico conservador nos Estados Unidos e suas extensões na América Latina. Três marcações temporais são centrais na trajetória evangélica conservadora norte-americana: o nascimento e a formação do fundamentalismo protestante a partir dos anos 1910, o qual Cunha compreende na atualidade de forma atenta à sua multiplicidade e às transformações no tempo. Depois, a forte inflexão sofrida nos anos 1970 e 1980 com o surgimento da Maioria Moral e a incidência sobre o espaço público como religião pública – isto é, o ator que emerge no espaço público não somente atua nele como também disputa as regras de sua estruturação. E, na conjuntura atual mais recente, a aliança do evangelicalismo conservador com pentecostais e carismáticos em torno da candidatura e do governo Donald Trump.

Do ponto de vista das justificações dos evangélicos para disputa pelo público, três formulações teológicas gestadas no ambiente religioso do período da Maioria Moral oferecem um solo comum à direita evangélica: a Teologia da Prosperidade com sua ética neoliberal; a Teologia da Batalha Espiritual demonizadora daquilo que lhe é diferente (outros valores, comportamentos e crenças); e a Teologia do Domínio e o Reconstrucionismo, voltados para o poder político. O artigo de Barrera, por exemplo, destaca como o princípio da “soberania divina” foi mobilizado no plano discursivo na campanha eleitoral peruana como forma de qualificar positivamente as candidaturas que evocavam a Deus e de demonizar aquelas que não faziam o mesmo. Em suma, a trinca teológica tratada em vários artigos parece ter encontrado um novo patamar de convergência na conjuntura atual.

Vale destacar também da leitura do dossiê o elenco de atores, instituições e eventos religiosos que produziram, em termos práticos, os vínculos da administração Trump com políticos e religiosos de países latino-americanos. Vários artigos chamam a atenção para o que foi a principal ação articulada de âmbito transnacional, mas ao mesmo tempo pouco transparente: o *Capitol Ministries*. O dossiê contribui em muito ao oferecer, no conjunto, informações sobre esta instituição que permi-

tem identificar atores e ações cujos objetivos e redes de conexões são parcialmente nebulosos.

Dentre alguns focos de atuação do *Capitol Ministries*, estão interesses territoriais de Israel no Oriente Médio. Na verdade, a postura filosemita dos evangélicos e sionista de conservadores evangélicos, como demonstram Machado, Mariz e Carranza, tem uma temporalidade longa, não redutível à conjuntura atual. Mas como elas mesmas indicam (assim como os artigos de Cunha, de Barrera e de Althoff), o sionismo vem adquirindo maior centralidade nos discursos da direita política em boa medida pela presença cada vez maior de evangélicos conservadores. A transferência da Embaixada da Guatemala de Tel Aviv para Jerusalém é um dos focos da conexão da presidência de Jimmy Morales com a de Trump, conforme a análise de Althoff. Acrescente-se que a proposta da transferência da embaixada também foi feita por Bolsonaro, mas não cumprida, e mesmo “esquecida” após a derrota de Trump à presidência, em 2020.

Concluindo o dossiê, o artigo de Camurça, Brum e Silveira nos desloca do protagonismo evangélico e sua extensão filosemita/sionista para o campo católico, que tem conexões menos óbvias com a presidência Trump, mas não menos importante para compreender a configuração da direita religiosa em sua diversidade. Trata-se de pensar outras linhas históricas e territoriais. Mais do que a figura do presidente norte-americano, o que se destaca é um dos principais artífices de sua campanha: Steve Bannon, o qual tem trabalhado na articulação da direita católica, sobretudo, no continente europeu.

Por outro lado, o artigo nos alerta para a longa e enraizada direita política no interior do catolicismo conectado ao ultraconservadorismo dos atuais segmentos tradicionalistas e carismáticos. O artigo reflete a partir do universo católico brasileiro que tem dado suporte ao governo Bolsonaro: de um lado, os carismáticos conectados a redes internacionais e, por outro, os tradicionalistas como a Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei, que esteve presente no gabinete de Trump. O catolicismo vai assim aparecendo com forte ressonâncias com as pautas evangélicas, mas traçando outras trajetórias devido à sua temporalidade longa, territorialidade global e institucionalidade hierarquizada que enquadram a conjuntura política à direita de uma forma própria, a começar pelas

tensões estabelecidas com o Papa Francisco em seu catolicismo mais *aggiornato* à esquerda.

Enfim, ao ler o conjunto dos artigos, emerge uma grade de instituições, atores, interesses corporativos (econômicos e políticos), discursos e pautas de perfil religioso, formando um espectro variado e em ressonância quando visto principalmente em conexão aos Estados Unidos. Entretanto, como toda análise de conjuntura, os artigos não têm a pretensão de produzir conclusões definitivas. Trata-se mais de um esforço de produzir inteligibilidade sobre mudanças e processos políticos-culturais transnacionais que ainda estão em curso.